

## CARACTERIZAÇÃO TECTONO-METAMÓRFICA DO SETOR SETENTRIONAL DO ORÓGENO ARAÇUAÍ

Peixoto, E.1; Alkmim, F.F.2; Medeiros Júnior, E.B.2, Pedrosa-Soares, A.C.3

<sup>1</sup>Universidade de Brasília; <sup>2</sup>Universidade Federal de Ouro Preto; <sup>3</sup>Universidade Federal de Minas Gerais

**RESUMO:** O setor setentrional do Orógeno Araçuaí é dominado por uma sucessão de rochas derivadas de bacias rifte, de margem passiva e sinorogênica, neoproterozoicas, localmente intrudidas por granitos pós-colisionais. Circundado por blocos de embasamento arqueano/paleoproterozoico, este segmento forma uma curvatura antitaxial denominada Saliência do Rio Pardo, cujo desenvolvimento é controlado essencialmente pela evolução da Bacia Macaúbas. Composto um dos setores menos investigados do orógeno, seu entendimento confere implicações para a tectônica de amalgamação do Gondwana Ocidental, no embainhamento do Cráton São Francisco – Congo. A saliência desenvolveu-se em três fases de deformação colisionais e uma fase de colapso orogênico pós-colisional. As fases D<sub>1</sub> e D<sub>2</sub> são coaxiais e responsáveis por um movimento de massa de dupla vergência: em direção ao cráton e em direção às porções internas do orógeno. Estruturas da fase D<sub>3</sub>, bem marcadas na zona de charneira, gravam uma contração final WSW-ENE, responsável pela rotação dos elementos estruturais pré-existentes e acentuação da curvatura. A fase final D<sub>4</sub>, extensional, é marcada por zonas de cisalhamento regionais, com cinemática normal, como as zonas de cisalhamento Chapada Acauã e Tingui, e normal-sinistral, como a Zona de Cisalhamento de Itapebi. O estágio colisional (fases D<sub>1-2</sub>) é assistido por um metamorfismo Barroviano. As porções externas do orógeno são, desta forma, marcadas pelas zonas da clorita, biotita, granada, estaurolita, cianita e sillimanita, em distribuição radial, cujo pico metamórfico é datado entre 560-575 Ma. O grau metamórfico cresce regionalmente rumo ao núcleo do orógeno, mas é localmente invertido por falhas de empurrão. O modelamento metamórfico por pseudoseções indica trajetórias pressão-temperatura-tempo (*P-T-t*) horárias, com pico em ~8.5 kbar e ~650°C na zona da estaurolita. No estágio pós-colisional (fase D<sub>4</sub>) ocorre um segundo evento metamórfico regional de pressão relativamente baixa (tipo Buchan), cujas assembleias pós-cinemáticas passam pelas zonas da biotita, granada, estaurolita, andaluzita, cordierita e sillimanita, em c. 525-530 Ma. Neste evento, as trajetórias *P-T-t* são aproximadamente isobáricas, e o pico metamórfico na zona da sillimanita atinge ~3 kbar e ~640°C. No flanco leste da saliência, a ocorrência de zonas de fácies anfíbolito alto a granulito, representadas pela assembleia Crd + Sil + Kf ± Grt ± Bt + melt, possivelmente está relacionada à descompressão em temperaturas elevadas, posterior ao evento metamórfico Barroviano, ou ao metamorfismo pós-colisional de baixa pressão em temperaturas elevadas. O contexto tectono-metamórfico, juntamente com a caracterização geocronológica-estratigráfica do Complexo Jequitinhonha, levanta a possível correlação de parte desta unidade aos depósitos sin-orogênicos da Fm. Salinas. Seguindo o modelo de evolução tectônica proposta para o orógeno, no estágio colisional, a Formação Salinas se deposita enquanto as unidades mais antigas experimentam metamorfismo Barroviano, com clímax em c. 565 Ma. Do clímax do espessamento crustal passa-se à fase de colapso extensional, com formação de zonas de cisalhamento normais regionais. Esta fase é responsável por afinamento crustal, intrusão de plútons e ascensão das isotermas, que se materializa em um segundo evento metamórfico regional de baixa pressão no intervalo de 530-525 Ma.

**PALAVRAS-CHAVE:** METAMORFISMO BARROVIANO; METAMORFISMO TIPO BUCHAN; COLAPSO GRAVITACIONAL.